

Redes visíveis para comunidades invisíveis: Uma caminhada virtual junto às etnias Salasaka e Otavalo migrantes e residentes em São Paulo

JENNY MARGOT DE LA ROSA

Introdução

As etnias Otavalo e Salasaka são originárias do Equador, conhecidos pela sua habilidade como comerciantes, assim como pelo seu artesanato e música. O grupo transita entre sua ancestralidade de povo originário e o pós-modernismo ocidental. Ancestralmente estes povos se movimentavam pelos seus territórios e após séculos de escravidão, a retomada dessas caminhadas os leva fora das fronteiras do estado-nação para o restante do continente e além dele.

Um grupo encontra-se aqui no Brasil, especificamente em São Paulo, onde é qualificado como vulnerável, a escolaridade deste grupo específico vá até o segundo grau, apenas uns quantos indivíduos completaram o colegial, quer dizer são analfabetos funcionais, porém bilíngues, falam: espanhol e quishwa e apesar de manifestar dificuldade no aprendizado de uma terceira língua, não é um fator para diminuir sua vontade de migrar.

De outro lado o uso de dispositivos móveis e internet são profusos.

Com estes antecedentes, a temática visa expor o processo educacional mediante o qual se criou um ecossistema comunicacional entendido como uma

“...relação dialógica não dada pela tecnologia adotada mais ou menos amigável, mas essencialmente pela opção por um tipo de convívio hu-

mano. Trata-se de uma decisão ético-pedagógica, que necessita, naturalmente, ser circundada pela definição de tecnologias de auxílio.” (Soares, 2011,p. 45)

O anterior dito, na perspectiva de uma melhor inserção na nova cultura. Elaborou-se um plano de formação que os deixa-se a vontade para a produção de novas competências nos âmbitos de direito e cidadania em busca de uma inclusão mais equitativa na diversidade. Assim nasceu o grupo “nos equatorianos em São Paulo” na plataforma Facebook que no momento da intervenção era a rede social mais usada pelo grupo. Usou-se o FB como um AVA, cujo conteúdo era disponibilizado de forma assíncrona, e a conversa mediante chat síncrona e assíncrona, os usuários são 120, cuja inserção na segunda fase da intervenção realizou-se de forma espontânea, devido ao efeito multiplicador na comunidade, o que significou o empoderamento dos seus direitos, compreensão dos seus deveres, surgimento de líderes e agentes dentro do próprio grupo e uma nova postura diante da sua condição de migrante e indígena.

Antecedentes

Otavallo e Salasaka são dois povos originários da cordilheira Andina, assentados no que hoje se conhece como Equador. O primeiro traz como herança ancestral ser extraordinários comerciantes, e os segundos reconhecidos fazedores de artesanato, tecidos e bordados, os dois com forte componente musical.

A conquista Europeia dizimou seus povos e os escravizou nas suas próprias terras; após a independência e após a ditadura militar, que assolou toda América Latina e finalmente com o advento da democracia, e a reforma agrária, momentos inerentes à história política da América do Sul e especificamente do Equador, lhes são devolvidos seus territórios, assim a possibilidade de recuperar e mostrar suas tradições, saberes, festas e crenças, antes à sombra da cultura de dominação é uma realidade, hoje inclusive incorporada ao “Plan Nacional del Buen vivir”, documento base da vida social do país.

O compromisso do Estado é promover políticas que assegurem as condições para a expressão igualitária da diversidade. A construção de uma identidade nacional na diversidade requer a constante circulação dos elementos simbólicos que nos representam: as memórias coletivas e individualidades e o patrimônio cultural tangível e intangível...¹

1 Plan Nacional del Buen Vivir 2013 – 2017. Pode ser descarregado em <http://www.buenvivir.gob.ec/>

De outra parte, Otavalo com sua tradição de comercialização e vendas desde o tempo pre-hispânico retoma sua natureza de povo viajante, acrescentada às circunstâncias nas quais foram devolvidas suas terras, crises econômicas do país, etc. os faz iniciar uma nova etapa de caminhadas, esta vez, não apenas dentro do território equatoriano, mas sim na região, o continente e o mundo todo. O povo Salasaka da sua parte observa a seu vizinho geográfico e entende estas viagens como uma oportunidade para sair da pobreza que a discriminação, abandono dos poderes políticos centrais, entre outros, deixou seu povo.

A tomada da decisão de viajar, de outro lado, parece ter se transformado nos homens em um ritual de passagem, de criança para adulto, com 14 ou 15 anos devem se assumir como adultos e ajudar na geração de renda. O fascínio que oferecem as viagens contadas por os outros que já foram e voltaram exerce um fascínio muitas vezes decisiva para tentar a travessia.

O grupo que atravessa as novas fronteiras dos estados nação é jovem, com uma idade média de 24 anos, são bilíngues, falam quishwa a língua ancestral e espanhol, herança da conquista espanhola, o grau de escolaridade é mínimo, apenas alguns indivíduos terminaram o colegial, por esta razão ainda sua maior fortaleza é a transmissão oral dos seus conhecimentos ancestrais, constituído por uma porcentagem maior de homens do que de mulheres e poucas crianças, o grupo é invisível tanto pelo número de indivíduos quanto por entender que isto os ajudará em sua inserção no novo entorno. Apesar da sua pouca escolaridade surpreende o uso dos dispositivos eletrônicos, da internet, das redes sociais em maior ou menor grau.

O grupo que chega a São Paulo com essas características há aproximadamente duas décadas, manifesta como uma das dificuldades de adaptação a língua, desconhecimento dos seus direitos associados a seus deveres, e o olhar externo de estranhamento sobre sua cultura de povo originário, estas, entre outras os deixa na linha da vulnerabilidade sistêmica, no que tange a moradia, exploração, oportunidades de trabalho, formação, reconhecimento da sua cidadania, preservação das suas matrizes culturais, para citar algumas.

E é que para quem vê de fora é difícil entender os indígenas como sujeitos pós-modernos, ainda percebendo-os como culturas subordinadas sem capacidade de desenvolvimento. (Barbero, 2009, p. 212)

A rede como possibilidade educomunicacional

Mediante observação sistemática realizada, se determinou que o grupo utiliza as redes sociais de forma profusa, principalmente em dispositivos móveis como celulares, com isto,

abre-se a possibilidade de intervir desde a perspectiva educ comunicativa no seu sentido dialógico “...que representa o esforço para se obter uma construção solidária e compartilhada de conhecimentos” (Soares, 2011, p. 17), e a rede pensada “...como um espaço de sociabilidade e de integração com características e dinâmicas próprias” (Di Felice; Torres; Yanaze, 2012, p.170) com a finalidade de produzir novas competências, de forma a estabelecer uma inclusão com mais equidade no país de acolhida.

Identificou-se uma problemática específica urgente, que se transformou no eixo para criar o ecossistema comunicacional.

Assim, em um dos seus locais de moradia, localizado no centro velho de São Paulo, se montou uma improvisada sala de aula de português básico, onde fundamentalmente se respondia a inquietudes sobre o uso da nova língua em relação com as vendas dos seus artesanatos e outros produtos na rua, o que gerou uma relação de confiança que foi levada à estrutura virtual.

Cria-se um grupo fechado no Facebook, cujas experiências educativas dentro da educação formal “...mostram um alto grau de envolvimento e criatividade dos alunos nas discussões” (Mattar, 2013, p. 116) porém, a pergunta é se um grupo nas condições específicas antes explicadas responderá diante dos recursos da plataforma, uma vez identificado que o coletivo aparece espontaneamente apenas na festa do Inti raymi, mas não no dia a dia onde a sobrevivência toma conta de um individualismo feroz na procura de trabalho. Portanto, mede-se se o ecossistema comunicacional e educativo oferece uma nova possibilidade de coletivo no grupo.

No FB o grupo virtual é fechado e secreto de forma a poder registrar o processo, ele foi se acrescentando desde uma integrante até 45, depois 80 até chegar a 120 e ainda continua a crescer com pedidos eventuais por parte de novos integrantes da comunidade. A falta de vistos de residência constituía-se na problemática mais álgida no momento da intervenção, elaborou-se um plano de gestão onde eles foram os protagonistas desta conquista.

No facebook se elaboraram micro mensagens com uma linguagem política na procura de uma postura cidadã.

Pretendia-se a aquisição de novas competências compatíveis tanto com o diálogo cultural como com “...a formação de cidadãos, de pessoas capazes de pensar com suas cabeças e de participar ativamente na construção de uma sociedade justa e democrática.” (Barbero, 2014, p. 11)

No grupo, se organizou um mutirão, a prática educacional empoderou os agentes emergentes do grupo, de forma a criar pequenos núcleos onde se multiplicava a informação sobre os direitos que os assistem.

Formaram-se comissões para visitar as entidades públicas, de forma a diminuir a percepção de estranhamento que a comunidade sente por sua condição de migrante irregular e indígena. Por iniciativa própria, os membros que tinham computador e são mais experientes se dispuseram para ajudar, ensinar e preparar toda a documentação necessária para a regularização de aproximadamente 200 pessoas.

Na rede social FB coloca-se conteúdo assíncrono sobre temas referidos a cidadania, formalização, empreendedorismo, formação em economia solidária, entre outros, a metodologia não incluiu a elaboração de nenhuma apostila para ser organizada no FB já que o grupo não respondia a este tipo de conteúdo, mas sim partindo da sua tradição oral e uma linguagem que contasse em poucas palavras o significado destes temas acompanhado de links se necessário.

Não se observa uma maioritária participação pública dentro do grupo no FB como ocorre com os casos de educação formal onde o FB é aplicado por professores e onde os alunos interatuam avidamente (Mattar, 2013, p. 118), é profuso o uso do chat que gera conversa direta com a pesquisadora, que nesse momento cumpre o papel de gestora, a preocupação então era que se perdesse o direcionamento educacional pretendido, mas ao observar de forma aprofundada, a mudança se realiza fora do grupo, nos próprios perfis dos usuários, o seu discurso começa a mudar, muitos dos membros começam a mostrar uma postura mais crítica, política e de autoafirmação sobre sua identidade indígena e seu processo de inserção em São Paulo.

Assim, a rede começa a funcionar também como meio de participação político-cidadã, convocatórias virtuais para o comparecimento do grupo para lidar com conquistas de inclusão em políticas públicas são feitas 100% no facebook, com a mobilização geral do grupo.

Numa etapa ulterior se consegue que um dos membros comece a intervir como interlocutor nos temas da formação onde aparece a interação de outros membros do grupo o que significou um segundo estágio na relação no grupo virtual.

De outro lado, aparecem agentes dentro da comunidade, que fazem e ensinam fazer, este ponto é fundamental, já que se atinge a autonomia que todo processo educacional procura.

Esses agentes passaram a apoiar as ações daqueles com menor inclusão digital orientando-os e oferecendo novo ensino aprendido.

Atualmente o grupo migrou para o whatsapp onde não se estabeleceu um novo grupo por parte da pesquisadora, mas o acompanhamento indireto diz de redes estabelecidas já de forma independente onde interatuam sem necessidade de mediação.

Considerações

Deve se dizer que a postura dialógica, a sensibilidade na aproximação ao grupo, o respeito a sua riqueza étnica, o afeto como elemento norteador do conhecimento, a noção de sujeito político e de direito enquanto migrante foi determinante para a conquista dos resultados evidenciados.

Assim, o grupo indígena quando exposto a um ambiente controlado mostra suas especificidades, eles são observadores, seres conectados, que fazem uso da tecnologia após uma reflexão de se aquilo é o certo. Portanto e como acima descrito é necessário da mediação para obter um resultado direcionado à educação que aos poucos consiga autonomia.

A participação da mulher na comunidade mostra-se subordinada ao homem, não chega ainda a ter publicamente um posicionamento crítico no FB, mas sim no chat, nas reuniões presenciais primeiro chegam a um consenso com o homem e logo se posicionam, porém são as mais ativas e comprometidas na hora de realizar uma ação.

A formação de agentes e mediadores dentro do próprio grupo foi espontânea constituindo-se em referencias para o grupo, ainda após a fase de intervenção eles continuam a exercer essa posição, o que prevê que uma formação continuada usando ferramentas mediáticas poder-se-ia transformar em uma forma de ensino – aprendizado para estes grupos.

Bibliografia

BARBERO, Jesús Martín. **DOS MEIOS ÀS MEDIAÇÕES – Comunicação, Cultura e Hegemonia**. São Paulo. 2009.

BARBERO, Jesús Martín. **A comunicação na educação**. São Paulo. Editora Contexto. 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **EDUCOMUNICAÇÃO. O conceito, o profissional, a aplicação, contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo, SP. Paulinas, 2011.

DI FELICE, M; TORRES, J; YANAZE, L. **REDES DIGITAIS E SUSTENTABILIDADE: As interações com o meio ambiente na era da informação**. São Paulo, SP. Annablume, 2012.

MATTAR, João. **WEB 2.0 e Redes Sociais na Educação**. São Paulo, SP. Artesanato Educacional, 2013.